

PLANO DE ENSINO – PERÍODO: 2017.2

Disciplina: TAH IV: História, Cultura e Arte no Brasil Contemporâneo – 60h

Professor: Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

Ementa: Estudo histórico das manifestações artístico-culturais no Brasil contemporâneo de meados do século vinte aos dias atuais, enfatizando a nova ordem comunicacional deflagrada por manifestações como a Tropicália, o Cinema Novo, o Poema/processo, a geração mimeógrafo, o concretismo e o cinema experimental.

Metodologia e Objetivos:

Em 1990, quando realizava uma conferência no Colóquio “Cem anos de República no Brasil: idéias e experiências” na Université de Paris IV – Sorbonne, o historiador Carlos Guilherme Mota, autor da renomada tese de livre-docência *Ideologia da cultura brasileira*, para a qual concorrera à cadeira de professor de História Contemporânea na Universidade de São Paulo, indicava, a propósito do que afirmara o compositor Antonio Carlos Jobim em 1987, que “o futuro já era”. Não se tratava mais o Brasil de uma ilha cantante, espaço luso-tropical de relações étnicas democráticas, tampouco um lugar onde a esperança da revolução marxista se efetivasse. Era, segundo ele, chegada a hora de “enfrentar a História Contemporânea”, impondo-se a necessidade de se realizar uma revisão crítica dessa cultura.¹

A conferência de Carlos Guilherme Mota, exemplo emblemático dos intensos debates que se travariam, entre as décadas de 1920 e 1990, em torno de um polifônico objeto chamado cultura brasileira, pode ser visto, além disso, como um dentre os muitos documentos históricos que emergiria, ao longo do século XX, a partir do desejo de delinear um local para a cultura brasileira. Mais do que isso, se mostra também dentro de uma necessidade recorrente, da qual participariam figuras marcantes do cenário cultural nacional, tais como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Gilberto Freyre, Sergio Buarque de Holanda, Caetano Veloso, Torquato Neto, Jomard Muniz de Britto, Jorge Mautner, Ariano Suassuna e tantos outros, de colocar essa dita cultura dentro de uma pretensa linha evolutiva, canonizada e cristalizada como um *telos* cultural. Por fim, tanto a conferência acima citada quanto as propostas estéticas, políticas e ideológicas dos intelectuais que elenquei buscarem definir o que seria o *contemporâneo* na cultura brasileira, conceito igualmente polifônico e problemático.

Diante disso, a disciplina aqui proposta, crédito optativo do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, tem por objetivo provocar em discentes deste programa, bem como de outros Programas de Pós-Graduação desta e de outras instituições, cujas discussões interseccionem-se com as questões aqui levantadas, tem por objetivo acender o debate em torno das tentativas de demarcação da contemporaneidade da

¹ MOTA, Carlos Guilherme. Cultura brasileira ou cultura republicana? *Estudos Avançados*, 4(8), p. 19-38.

cultura brasileira, bem como o lugar da arte como artefato de escrita da história. No limite, buscará abordar discussões a respeito de movimentos artístico-estéticos tais como o modernismo, em suas diversas vertentes no início do século XX, os movimentos culturais de esquerda, a Tropicália, a demarcação de um lugar para a música popular brasileira, as vanguardas culturais no Brasil e no Piauí, bem como as relações, notadamente tensas, entre o Cinema Novo e o cinema experimental, e, por fim, as relações entre uma cultura brasileira regionalizada e as profanações de um ideal regionalista de cultura, a partir dos embates entre Ariano Suassuna e Jomard Muniz de Britto.

Sessões:

1. **A destruição da experiência ou como interrogar o contemporâneo através dos paradigmas:** a sobrevivência dos vagalumes e outras considerações possíveis para início de conversa

Referências:

Plano de disciplina.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Tradução: Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

2. **O que é contemporâneo na cultura brasileira:** aproximações entre a disciplina e as propostas de estudo do(a)s aluno(a)s

Referências:

AGAMBEN, Giorgio. O que é contemporâneo? In: _____. *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução: Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009. p. 55-73.

ANTELO, Raúl. *Tempos de Babel: anacronismo e destruição*. São Paulo: Lumme Editor, 2007.

BHABHA, Homi K. Introdução – Locais da cultura. In: _____. *O local da cultura*. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2013. p. 19-42.

3. **Cultura:** um conceito em transe

Referências:

CARVALHO, Luis Felipe. Antropofagia. In: _____. *Intervenções antropofágicas*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue/FAPERJ, 2017.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Perspectivismo. In: _____. *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Cosac Naify/N-1, 2015. p. 33-54.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Cultura: um conceito reacionário? In: _____. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2014.

4. **Modernismos, vanguardas, retrocesso:** experimentos estéticos no Brasil dos anos 1920 e 1930

Referências:

ANDRADE, Mário. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

ANDRADE, Oswald. Manifesto antropofágico. *Revista de Antropofagia*, 1(1), 1928.

MICELI, Sergio. Vanguardas em retrocesso. In: _____. *Vanguardas em retrocesso: ensaios de história social e intelectual do modernismo latino-americano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

5. Ideologias da cultura brasileira: desejos de identidade nacional

Referências:

GOMES, Paulo Emílio Sales. Plataforma da nova geração. In: CALIL, Augusto; MACHADO, Maria Teresa (Org.). *Paulo Emílio: um intelectual na linha de frente*. São Paulo: Brasiliense/Embrafilme, 1986. p. 82-95.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974): pontos de partida para uma revisão histórica*. São Paulo: Editora 34, 2008.

6. CPC, vanguarda e desbunde: debates políticos e estéticos em torno da cultura brasileira

Referências:

GUARNIERI, Gianfrancesco. *Eles não usam black-tie*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

HOLANDA, Heloísa Buarque de. *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde (1960/70)*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa. Por um teatro de vanguarda (?!): atores, cenários e produções culturais no Brasil. In: NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa; SILVA, Jaison Castro; CHAVES, Reginaldo Sousa (Org.). *A forja do tempo: arte e vanguardas diante do contemporâneo*. Teresina: EDUFPI, 2016. p. 157-170.

7. A invenção da Tropicália: discursos em torno da fabricação do dito “movimento tropicalista”

Referências:

CALADO, Carlos. *Tropicália: a história de uma revolução musical*. São Paulo: Editora 34, 1997.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália*. São Paulo: Annablume, 2005.

HOLANDA, Heloísa Buarque de. Poetas rendem chefes de redação. In: CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar; CARDOSO, Vinícius Alves (Org.). *Torquato Neto: um poliedro de faces infinitas*. Teresina: EDUFPI, 2016.

8. Enquanto se caminha contra o vento: juventude, censura e protestos no Brasil

Referências:

CAVALCANTE JÚNIOR, Idelmar Gomes. *1968 em disputa: o ano que inventou o movimento estudantil brasileiro*. Parnaíba: Sieart, 2014.

KUSHNIR, Beatriz. *Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988*. São Paulo: Boitempo, 2012.

SEM PALAVRAS. Direção: Aristides Oliveira. Teresina, 2009-2010. 86 min, son. color.

9. Que caminhos seguir na música popular brasileira: a invenção da MPB

Referências:

NERY, Emília Saraiva. *A imprensa cantada de Tom Zé: entre o tropicalismo e uma linha evolutiva da MPB (1964-1999)*. 2014. 274 p. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

VELOSO, Caetano; SOARES, Flávio Macedo; BARROS, Nelson Lins de; CAPINAM, José Carlos; LEÃO, Nara; DAHL, Gustavo; GULLAR, Ferreira. Que caminhos seguir na música popular brasileira? In: COELHO, Frederico; COHN, Sergio (Org.). *Tropicália*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2008. p. 21-22.

VELOSO, Caetano. *Verdade tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

10. Cinema brasileiro moderno: debates em torno da imagem no Brasil contemporâneo

Referências:

LIMA, Frederico Osanan Amorim. *Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça: Glauber Rocha e a invenção do cinema brasileiro moderno*. Curitiba: Prismas, 2015.

SILVA, Jaison Castro. O cinema brasileiro diante de um presente incendiário: o filme *O Caso dos Irmãos Naves* (1967), de Luís Sérgio Person, e o despertar das consciências durante o regime de exceção. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 43, n. 01, p. 191-203, jan.-abr. 2017.

TERRA EM TRANSE. Direção: Glauber Rocha. 1967. 106 min, son., color.

11. Estéticas do fragmento: o corpo como instrumento político na produção experimental piauiense

Referências:

BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. *Torquato Neto e seus contemporâneos: vivências juvenis, experimentalismos e guerrilha semântica*. Curitiba: Prismas, 2016.

MONTEIRO, Jaislan Honório. *Arte como experiência: cinema, intertextualidade e produção de sentido*. Teresina: EDUFPI, 2015.

O TERROR DA VERMELHA. Direção: Torquato Neto. Teresina, 1972, 28 min, son. color.

12. Sagração armorial: aventuras de Ariano Suassuna pela cantante Ilha Brasil

Referências:

NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes. *O cabreiro tresmalhado: Ariano Suassuna e a universalidade da cultura*. São Paulo: Palas Athena, 2002.

SUASSUNA, Ariano Vilar. *A onça castanha e a Ilha Brasil: reflexões sobre a cultura brasileira*. Recife: Interativa/Projeto Virtus, 2003.

13. Um palhaço degolado e sua luta mais vã: Jomard Muniz de Britto e os confrontos estéticos e políticos no Recife

Referências:

BRITTO, Jomard Muniz de. *Encontros*. Organização: Sergio Cohn. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2013.

O PALHAÇO DEGOLADO. Direção: Jomard Muniz de Britto e Carlos Cordeiro. Recife, 1977. 9min22s, son. color.

SANTOS FILHO, Francisco Aristides Oliveira dos. *Jomard Muniz de Britto e O Palhaço Degolado*. Teresina: EDUFPI, 2016.

14. Bordel brasilírico bordel: profanações da cultura brasileira

Referências:

BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. *Visionários de um Brasil profundo: invenções da cultura brasileira em Jomard Muniz de Britto e seus contemporâneos*. 2016. 300 p. Tese

(Doutorado em História Social) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

CÂMARA, Mário. *Corpos pagãos: usos e figurações na cultura brasileira (1960-1980)*. Tradução: Luciana di Leone. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

CHAVES, Reginaldo Sousa. A Babel ideológica de Jorge Mautner *em Deus da Chuva e da Morte* (1956-1965). In: NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa; SILVA, Jaison Castro; CHAVES, Reginaldo Sousa (Org.). *A forja do tempo: artes e vanguardas diante do contemporâneo*. Teresina: EDUFPI, 2016. p. 217-232.

15. Discussão de pesquisas sobre história, cultura e arte.

Sistemática de Avaliação

A avaliação da disciplina se dará através de três instrumentos:

1. Participação nas discussões dos textos;
2. Apresentação de seminários pós-graduados;
3. Produção de texto, em formato de artigo, entre 15 e 20 laudas, que promova articulação entre questões levantadas na disciplina e a pesquisa desenvolvida pelo(a) pós-graduando(a).

Em relação às apresentações, serão concedidos 120 minutos (duas horas) para a exposição oral, à qual se seguirão os debates. Como meio de uniformizar as apresentações, facilitando a interlocução com toda a turma e, bem como, a apuração da nota, será exigível:

1. Apresentação em Power Point ou equivalente;
2. Breve exposição, por parte do(a)s seminarista(s), da sua problemática de pesquisa, articulando-a ao tema do seminário.

Não existe predeterminação quanto aos cortes e/ou recortes que os seminaristas farão aos conteúdos que lhes foram responsabilizados. É livre a escolha do que falar e do que silenciar, mas é obrigatória uma predefinição do conteúdo que será efetivamente tratado e, em como, a leitura de todo o material por todos os membros da turma, inclusive pelos que não sejam responsáveis pelo seminário. Como forma de apurar a leitura dos não-seminaristas serão escolhidos, a cada aula, aleatoriamente, aqueles ou aquelas que se responsabilizarão por um comentário geral sobre a exposição e emitirão um conceito sobre a pertinência dos cortes e escolhas feitos pelos seminaristas.

Em termos de pesos adotados para a apuração da média ponderada final será concedida nota variável de 0 a 10 à participação e assiduidade, de 0 a 10 ao seminário e de 0 a 10 à produção do artigo. A média entre as três avaliações será a nota obtida na disciplina.

Como é óbvio, não é possível reposição de seminários.